

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E SUAS FONTES DE PESQUISA: PROCURA, COMPILAÇÃO E COMPARTILHAMENTO

Lucia Maria Aversa Villela
Universidade Severino Sombra
lucivilella@globo.com

Bruno Alves Dassie
Universidade Federal Fluminense
badassie@gmail.com

David Antonio da Costa
Universidade Federal de Santa Catarina
david.costa@ufsc.br

Resumo:

De início propomo-nos a levantar questões quanto às concepções do que, a cada período, veio a ser considerado como fonte histórica. Em um segundo momento retomam-se os enfoques pertinentes a problemas e relações com relação às fontes a serem usadas em uma pesquisa de natureza histórica. Neste enalço, elaborou-se um mapeamento das participações em mesas-redondas e nas comunicações científicas realizadas durante o I Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática (I ENAPHEM, 2012), em Vitória da Conquista, objetivando detectar necessidades e entraves encontrados pelos historiadores deste campo para que conseguissem desenvolver suas produções. Em uma terceira parte, divulgam-se avanços já alcançados sobre a proposta surgida naquele evento que propunha a alimentação de um ambiente coletivo de vestígios históricos a serem utilizados no campo da História da Educação Matemática no Brasil.

Palavras-chave: fontes históricas; pesquisa em história da educação matemática

1) INTRODUÇÃO

Merece iniciarmos nossas colocações retomando a etimologia da palavra documento. Cunha (2007, p. 274) afirma que no século XV o significado deste verbete era “título ou diploma que serve de prova, declaração escrita para servir de prova”, ao que Le Goff acrescenta:

O termo latino *documentum*, derivado de *docere*, “ensinar”, evoluiu para o significado de “prova” e é amplamente usado no vocabulário legislativo. É no século XVII que se difunde na linguagem jurídica francesa a expressão *tittres et documents*, e o sentido moderno de testemunho histórico data apenas do início do século XIX. O significado de “papel justificativo”, especialmente no domínio policial, na língua italiana, por exemplo, demonstra a origem e a evolução do termo. O

documento que para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. (LE GOFF, 2003, p. 526)

Considerava-se como documentos apenas os escritos e a produção dos historiadores seguidores dos métodos deste período abrangia descrever o que selecionaram como documentos a serem usados dentre as fontes encontradas.

Não se questionava a validade destes documentos, mas, em 1681 o monge Jean Mabillon publicou uma obra¹ que foi considerada por Bloch um marco na produção de pesquisas históricas. Ao analisar escritas medievais selecionadas para sua pesquisa, Mabillon questionou a veracidade de alguns daqueles materiais: ali “a crítica de documentos foi [definitivamente] fundada” (BLOCH, 2002, p. 90). Apesar disso, ainda por muito tempo os documentos escritos ainda foram tomados por alguns historiadores sem maiores cuidados.

Com o século XIX, veio grande avanço tecnológico e científico. A influência da visão “positiva” de Augusto Comte (1798-1857) trouxe o foco ao cientificismo, valorizando a busca da verdade por meio da observação empírica como método de trabalho, acreditando na neutralidade entre o pensador e a obra. O que importava era descobrir relações de causa e efeito, expressas de acordo com o pensamento matemático, a que chamavam de *conhecimento positivo*. As influências deste pensamento de Comte encontraram eco na produção de historiadores que se propuseram a elaborar ciência objetiva. O alemão Leopold von Ranke (1795-1886) foi um destes historiadores que passou a supervalorizar o documento (que para ele eram os escritos) e a defender a objetividade na História. Dessa forma surge a escola metódica, que teve seu auge em fins do século XIX e influenciou o método de trabalho das outras ciências humanas, embora não tivesse alcançado em si uma aceitação encorpada. O francês Fustel de Coulanges (1830-1889) também foi um defensor ferrenho de que cabia ao historiador manter-se o mais próximo possível dos textos, interpretá-los com a maior precisão plausível e só raciocinar e escrever, segundo tais documentos. Deste movimento no campo da produção histórica, veio sobretudo a concepção dos historiadores franceses Charles-Victor Langlois (1863-1929) e Charles Seignobos (1854-1942), cujo livro², de 1898, tornou-se um material

¹ De re diplomatica libri sex.

² L'introduction aux études historiques

basilar para quem pretendia produzir História enquanto ciência positiva. Defendiam a narrativa construída a partir de uma análise dos documentos oficiais escritos; que devia pautar-se nos feitos dos grandes heróis nacionais e em feitos políticos; que envolvessem uma compilação de fatos em ordem cronológica e por meio de tabulações estatísticas.

Luciën Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944) criaram no período entre as guerras mundiais, uma revista³, cujo primeiro número foi publicado em 15 de janeiro de 1929. Os *Annales*, como nos referimos a estas revistas, alteraram a proposta da historiografia positivista, uma vez que, a partir das influências dos criadores e de vários dos colaboradores da revista, passou-se a ter uma nova metodologia para a escolha, a seleção e o trato dos documentos que seriam tomados pelo historiador. Sem que se abrisse mão da cientificidade, pois havia rigor e critérios a serem aplicados, o fazer histórico deixou de ser impessoal e passou-se à visão de que, dependendo das escolhas dos documentos, das perguntas que se lhes faça e, portanto, do olhar do pesquisador, estes assumem o caráter de fontes privilegiadas para aquela investigação e, a partir daí, são produzidas histórias, abandonando-se a pretensão de existir *a história* única e eternamente irrefutável.

Neste novo modelo, fontes históricas já não se restringiam mais aos impressos oficiais. Era possível se trabalhar a partir de documentos de naturezas diversas. Dentre os escritos poder-se-iam usar também cartas, jornais, revistas, relatórios, leis, anúncios, diários, anotações em monumentos e túmulos, etc. Não só as fontes materiais escritas, mas também as iconográficas, obras de arte, brinquedos, fotografias, moedas, armas, ferramentas e utensílios, monumentos, pinturas, filmes, músicas, construções, os depoimentos orais, ornamentos, etc. O que importava é que o historiador tivesse claro que ele estava no presente buscando selecionar criticamente vestígios do passado afim de que pudesse construir respostas a hipóteses sobre o que ocorrera em determinado espaço-tempo sociocultural. Mas era premente que o historiador tivesse a priori questões a responder, pois “mesmo o mais claro e complacente dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo” (BLOCH, 2001, p. 79). Bloch também comentara que “reunir os documentos que estima necessários é uma das tarefas mais difíceis do historiador [e que] ele não

³ De 1929 a 1938 a revista conservou o título original: *Annales d'histoire économique et sociale*. De 1939 a 1941, passou a *Annales d'histoire sociale*.

conseguiria realizá-la sem a ajuda de guias diversos: inventários de arquivos ou de bibliotecas, catálogos de museus, repertórios bibliográficos de toda sorte” (2001, p. 82).

Dessa forma, hoje em dia, em plena segunda década do século XXI, a maioria de nós que produz História da Educação Matemática utiliza diferentes tipos de fontes históricas. Para ilustrar esta colocação, no item seguinte falaremos sobre o que mapeamos ao observar grande parte das produções brasileiras apresentadas em um primeiro congresso especificamente voltado a este campo de pesquisa.

Quanto às dificuldades do historiador desenvolver um trabalho solitário na coleta e armazenamento de fontes históricas, nos deteremos na experiência que vem sendo vivida na construção de um repositório, fruto de um esforço conjunto.

2. O ENAPHEM: temas e problemas e relações com fontes de pesquisa

No início do mês de novembro de 2012 realizou-se o I Encontro Nacional de Pesquisa em Educação Matemática – I ENAPHEM, em Vitória da Conquista, Bahia. Este evento, com efeito, foi fruto de um crescente movimento de pesquisa em perspectiva história, como considerado em sua apresentação:

As pesquisas sobre educação matemática em perspectiva histórica têm crescido muito nos últimos anos no Brasil. Haja vista a consolidação de grupos como o HIFEM, GHOEM, GHEMAT dentre vários outros, atestada pela enorme quantidade de artigos, livros e produções de teses, dissertações, bem como trabalhos de iniciação científica vindos desses grupos. É revelador o fato de o principal periódico da área – BOLEMA -, depois da chamada para o número temático “história da educação matemática”, em 2010, ter publicado dois volumes para abrigar uma grande quantidade de trabalhos de indiscutível qualidade, que atestam o avanço do conhecimento na área.

Assim, de certa maneira, os debates por meio de mesa redonda, comunicação científica e pôster que foram propostos, refletem os temas, os problemas e as relações com fontes nas pesquisas no Brasil.

Em uma visão geral, os temas e os problemas propostos no evento mostram a ampliação do campo, em especial dado nos últimos dez anos. Esta produção está centrada em temas delimitados entre meados do século XX e a década de 1980. Consequentemente, mostram também a diversidade no uso de fontes de pesquisa. Podemos citar, por exemplo:

arquivos pessoais, livros didáticos e/ou coleções, cadernos de aluno, depoimentos, fotografias, legislações, vídeos e roteiros destinados a tele-educação, periódicos, programas e ensino, entre outras.

Destaca-se ainda, considerando os textos deste evento e as questões do tema desta mesa redonda, a diversidade no levantamento de fontes locais e a busca pela manutenção e preservação dos acervos.

Constitui-se assim, como um dos objetivos desta mesa redonda, a apresentação da produção do I ENAPHEM em relação às fontes de pesquisa em história da Educação Matemática.

3. As dificuldades e algumas propostas para acesso a fontes

As pesquisas relacionadas ao tema da História da Educação Matemática (HEM) da mesma forma como ganham mais espaço entre os pesquisadores, produzem novos desafios na sua elaboração.

Tratando-se da pesquisa em História da Educação Matemática e aproximando-a da perspectiva apontada por Chartier (1990, 2006) e Burke (2005), envolvendo a história cultural, pode-se dizer que esta nova maneira de se fazer história implica pensar na atualidade, por exemplo, o uso, a disponibilidade e a diversidade de fontes. Certamente os arquivos escolares constituem-se numa das possibilidades. Segundo Mogarro, “os arquivos escolares motivam profundas preocupações relativas à salvaguarda e preservação de documentos [...] para a história da escola e a construção da memória educativa” (2005, p.77).

Para além das considerações de Mogarro (2005) sobre a importância dos arquivos escolares abrigando fontes documentais diversas (texto legais, relatórios, atas de reunião, provas, etc.) e dos arquivos particulares, públicos e de museus, pode-se interrogar como armazenar tais fontes de pesquisa tornando-as acessível em um espaço, de modo a dar visibilidade para pesquisadores de diferentes regiões do Brasil.

Tal tarefa de disponibilizar as fontes para pesquisa tem sido procurada por diversos grupos de pesquisa em diversas formas. Recentemente encontra-se iniciativa dessa natureza quando se privilegia a divulgação de fontes por meio de mídias digitais. Para este caso, pode-se citar o exemplo do DVD “A Educação Matemática na Escola de Primeiras

Letras 1850-1960: um inventário de fontes (2010)” organizado pelo prof. Dr. Wagner Rodrigues Valente e produzido pelo Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática (GHEMAT)⁴. A elaboração deste inventário contou com a participação de diversos pesquisadores e tem como propósito apresentar a digitalização de materiais relacionados à educação matemática nos primeiros anos da escolaridade. Revistas pedagógicas, livros didáticos, manuais de ensino, provas de alunos e legislação escolar constituem a base dessa documentação.

Ainda no formato de DVD, outro exemplo é o “Fontes para o estudo da história da escola primária no Brasil, 1889-1930” (2011), organizado pela Profa. Dra. Rosa Fátima de Souza. Vários pesquisadores de diversas instituições colaboraram para que este produto fosse materializado nesta mídia eletrônica. As fontes presentes são imagens digitalizadas da legislação escolar, relatórios de inspeção, mensagens dos governos e programas de ensino dentre outras categorias subdivididas nos estados de AC, BA, GO, MA, MG, MT, PB, PI, RJ, RN, SC, SE e SP.

Inúmeras iniciativas e outros exemplos ainda podem ser encontrados na *internet* traduzidos na hospedagem das informações em *sites* dedicados ou ainda em *blogs*. Em Santa Catarina, nesta linha, pode-se citar o *blog* idealizado pela Profa. Vera Lucia Gaspar da Silva denominado “Seminário Especial de Aprofundamento Teórico Cultura Material Escolar”⁵. Este *blog* foi criado para “divulgar, interagir e dialogar sobre a temática Cultura Material Escolar”. Contabiliza-se mais de vinte mil acessos desde sua criação em meados do ano de 2011.

De forma mais apropriada para a finalidade de armazenamento e permanência da informação quanto às fontes de pesquisa, o uso do repositório institucional apresenta algumas vantagens que diferenciam sua proposta com as anteriores. O repositório digital institucional é “uma forma de armazenamento de objetos digitais que tem a capacidade de manter e gerenciar material por longos períodos de tempo e prover o acesso apropriado” (VIANA *et al*, 2012).

⁴ Para maiores esclarecimentos ver :

<http://www.unifesp.br/centros/ghemat/images/stuffs/INVENTARIO/home.htm>. (Acesso em 29/06/2012)

⁵ Para maiores informações ver <http://seminarioculturamaterialescolar.blogspot.com.br/> (Acesso em 29/06/2012)

O repositório temático da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)⁶ trata-se de uma iniciativa quanto ao armazenamento de diversas fontes documentais, entrevistas, textos, artigos, teses, dissertações, com vistas a fomentar pesquisas em História da Educação Matemática, bem como servir como um espaço de interação entre os pesquisadores desta área.

Inicialmente fazem parte deste repositório temático algumas coleções, tais como legislação escolar; livros didáticos; revistas pedagógicas; artigos acadêmicos; teses e dissertações. Cada coleção, agrupando documentos específicos, ora pretende identificar indícios de um ensino de matemática de outros tempos e, ora, aquecer o debate entre pesquisadores da área. Convém dizer que estas coleções podem ser ampliadas à medida que novas fontes ou textos forem incorporados e necessitarem de novas alocações. A ideia é acumular toda a sorte de documentos, por via digital, que servirão para alargar, contribuir e fomentar, como já citado, as pesquisas na área da História da Educação Matemática.

Atualmente o repositório da História da Educação Matemática abriga uma nova coleção criada especialmente para ser alimentada por documentos e arquivos relacionados ao projeto de pesquisa: “A Constituição dos Saberes Elementares Matemáticos: a Aritmética, a Geometria e o Desenho no curso primário em perspectiva histórico-comparativa, 1890-1970”.

Tal projeto está em desenvolvimento por uma equipe de doutores de dez estados brasileiros com vistas à elaboração de uma investigação histórico-comparativa, cuja temática relaciona-se à análise da trajetória de constituição dos saberes elementares matemáticos presentes em diferentes regiões brasileiras. Este projeto contribuirá com o arranjo de novas fontes e documentos a serem digitalizados e introduzidos no repositório. Tal base de documentos será utilizada para a realização de estudos histórico-comparativos relativos à circulação de modelos pedagógicos, estabelecendo um diálogo entre os pesquisadores nos seus diversos locais de pesquisa. O que permite observar as vantagens em se contar com este “espaço” colaborativo na produção de conhecimento científico proporcionado pelo repositório.

Não esgotando, mas apontando algumas possibilidades, o repositório cumpre com seu papel encurtando a distância entre os pesquisadores aos documentos, a partir de suas digitalizações das fontes primárias da História da Educação Matemática. Tal iniciativa

⁶ Para maiores informações ver: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1769>. (Acesso em 29/06/2012)

intenta motivar mais e mais pesquisas na área da História da Educação Matemática, bem como promover a organização dos documentos que são encontrados no desenvolvimento dos projetos de pesquisa (COSTA; ARRUDA, 2012).

Pois, entende-se aqui que as fontes são preciosas e que a sua organização e disponibilização, para a comunidade interessada neste tema, são fundamentais para a constituição desta área de pesquisa.

4. Considerações finais

Nossa apresentação e debate visa estimular reflexões sobre os tipos de fontes históricas que temos usado nas pesquisas brasileiras em História da Educação Matemática, bem como cada vez, enquanto grupos de pesquisa, mais nos unirmos para que se criem e articulem nacionalmente bancos de dados, repositórios e outras possibilidades que as tecnologias atuais nos permitem.

5. Referências

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Edição anotada por Étienne Bloch. Prefácio: Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira: Lilia Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002.

BURKE, P. *O que é história cultural?* Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, R. A. “nova” história cultural existe? In: LOPES, A. H.; VELLOSO, M. P.; PESAVENTO, S. J. *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 29-44.

COSTA, David Antonio da; ARRUDA, Joseane Pinto de. Repositório Institucional de fontes para a História da Educação Matemática na Universidade Federal de Santa Catarina. In: *Anais... I Encontro Nacional de História da Educação Matemática, 2012, Vitória da Conquista: UESB, 2012, v.1.*

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Assistentes Cláudio Melo Sobrinho et. al. 2ª edição, 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MOGARRO, M. J. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. *Revista Brasileira de História da Educação (SBHE)*. São Paulo: Autores Associados, jul/dez, nº 10, 2005, p. 75-99.

VIANA, C. L. M.; MÁRDERO ARELLANO, M. A.; SHINTAKU, M. *Repositórios institucionais em ciência e tecnologia: uma experiência de customização do DSpace*. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBITC. Disponível em: <<http://bibliotecas-cruesp.usp.br/3sibd/docs/viana358.pdf>>. Acesso em 29 jun.2012.